



Levante insurrecional das massas oprimidas bolivianas contra o governo burguês reacionário e pró-imperialista de Rodrigo Paz, abre caminho à luta revolucionária



PELA VITÓRIA DAS MASSAS NA LUTA PELA DERRUBADA DE PAZ COM A LUTA DE CLASSES!

NÃO CONCILIAR COM O GOVERNO ENTREGUISTA E NEM COM A POLÍTICA DEMOCRATIZANTE DO MAS! DEFENDER A ESTRATÉGIA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS!

Quatro meses após eleito, o governo direitista e pró-imperialista de Rodrigo Paz e a minoritária burguesia entreguista boliviana tentam frear e abortar o levante operário, camponês e popular que expressa a revolta da nação oprimida contra o estado e a burguesia nacional, por trás dos quais encontra-se o objetivo do imperialismo de fazer da Bolívia um quintal para a exploração do capital financeiro onde seus lucros sejam extraídos afundando na barbárie os operários e demais oprimidos.

Sob ditames do imperialismo, Paz se propõe entregar as riquezas naturais às grandes empresas capitalistas transnacionais e aplicar

uma violenta política econômica de contrarreformas e privatizações, empurrando para o abismo da fome absoluta e da destruição física e intelectual a força de trabalho e destruindo os serviços públicos e sociais. Após a revolta das massas, o governo ultradireitista de Milei (Argentina), de comum acordo com os EUA, enviaram armamentos e meios repressivos para esmagar em sangue a revolta operária e popular. Nas mãos dessa gangue internacional de criminosos e genocidas está o sangue derramado de até agora quatro manifestantes.

Mas, para conseguir impor seu plano de governo maldito, Paz precisa impor uma violenta mudança

na correlação de forças entre exploradores e explorados por meio da violência e a repressão política e social. A repressão contra as manifestações foi brutal. Mas, as massas não retrocederam e, longe de se esgotarem, as manifestações são cada vez mais radicalizadas e com um objetivo imediato: derrubar a Paz. Essa palavra de ordem surgiu após o governo se recusar a aceitar retroceder os ataques e satisfazer as reivindicações. O que levou o movimento nacional a exigir a renúncia ou a queda do governo. A queda desse títere do imperialismo significaria bloquear o avanço do pacote de leis malditas que empobrecem e saqueiam a nação, e elevaria a confiança das

massas em suas forças. Sem conseguir esmagar o levante operário e camponês, o governo tenta agora enfraquecer o movimento propondo negociações em separado com alguns sindicatos e movimentos, oferecendo migalhas ou promessas, com o objetivo de dividir a mobilização. Mais recentemente, foi a manobra de Paz de demitir o Ministro de Trabalho como mais um recurso político para preservar o governo e diluir os protestos. A resposta deve ser a luta unitária sob um plano comum e nacional de reivindicações até derrotar o governo e a burguesia!

O Cabildo Nacional sindical convocado pela COB (Central Operária Boliviana) de 1º de Maio, bem como o Cabildo Nacional camponês, ambos realizados La Paz, exigiram o imediato aumento dos salários em 20% e a revogação da "lei Marinkovic" que pretendia aprovar medidas para a destruição da pequena propriedade e sua concentração em mãos dos latifundiários. A pressão do movimento obrigou o governo a recolher (por enquanto) a "lei Marinkovic", mas permanece irredutível em aumentar os salários ou mudar o rumo entreguista de seu governo.

Nos Cabildos (uma tradição democrática popular na história da Bolívia em que as massas discutem e aprovam em assembleia pública suas reivindicações e métodos de luta) se reuniram às classes fundamentais das quais nascerá a aliança revolucionária (operária e camponesa) que poderá derrubar o governo burguês e abrir caminho à revolução proletária e ao governo operário e camponês. Essa estratégia será a única capaz de unir as massas sob o objetivo de avançar na luta pelo seu próprio poder. Mas, para isso, as massas precisam passar da luta defensiva à ofensiva política contra o estado e a burguesia. A satisfação das reivindicações imediatas e unitárias com os mé-

todos da ação coletiva de massas apresentam-se - objetivamente - como um ponto de partida para a organização da frente única anti-imperialista em que essa estratégia poderá unir aos explorados e oprimidos.

Para dar passos objetivos, o movimento de feições insurrecionais não deve se enfraquecer e golpear unitariamente contra o governo até sua queda. Aos enfrentamentos contra as forças repressivas e os bloqueios de rodovias devem-se somar as ocupações de fábricas e das minas e, sobretudo, convocar aos camponeses a ocupar as terras dos latifundiários. Como já ensina a experiência boliviana, devem tomar de reféns os latifundiários e os burgueses se for necessário, até derrotar o governo e abrir caminho ao fortalecimento do movimento perante a burguesia e imperialismo defendendo a expropriação e nacionalização de empresas, bancos e, especialmente, de toda a terra e sua entrega aos camponeses, bem como a transformação da grande produção agroindustrial em produção coletivizada sob controle do proletariado agrícola. É parte desse programa a defesa da autodeterminação dos povos originários e a convocatória de uma Assembleia Popular para que as massas reconstruam o organismo soviético que em 1971 aproximou o proletariado e o campesinato à conquista do poder político.

Não existe saída à crise pela via institucional da burguesia. Todos os governos burgueses que pretenderam reformar ou democratizar o capitalismo fracassaram e acabaram servindo ao imperialismo e à burguesia nacional parasitária. Por isso, se bem se deve preservar imediatamente a frente única sob o objetivo da derrubada de Paz pela ação direta de massas, no interior dessa frente que encontra-se o MAS, que pretende se aproveitar do levante para reto-

mar ao poder do estado burguês e desviar a luta insurrecional pela via eleitoral. A vanguarda com consciência de classe deve combater a política burguesa democratizante com a política revolucionária, empurrando com sua ação e programa as massas além do horizonte burguês e erguendo sua estratégia revolucionária.

Somente assim o que começou como uma resposta unitária e nacional ao aumento dos combustíveis e as medidas antinacionais e antipopulares, pela lógica interna das leis da revolução proletária na época de decomposição capitalista, abrirá um caminho à derrubada de Paz, mas também para que progrida a luta insurrecional pelo poder. É necessário ter claro que na Bolívia enfrentam-se a revolução proletária e a contrarrevolução burguesa. A contrarrevolução burguesa se unifica ao redor do governo de Paz e recorre à violência reacionária para esmagar as massas. A revolução proletária se ergue instintivamente no seio das manifestações e deve ampliar a violência revolucionária para alcançar seus objetivos. Para que a estratégia revolucionária se constitua no farol e guia da luta das massas oprimidas é urgente que a vanguarda com consciência de classe ajude os explorados a superarem e romperem com o democratismo impotente e servil do MAS, retomando os métodos e objetivos da Revolução de 1952 e da Assembleia Popular de 1971. A história voltou a colocar as tarefas históricas ao proletariado, a da revolução social que foi truncada pela derrota das massas através da contrarrevolução golpista. É possível somente uma saída progressiva e revolucionária à crise de contornos pré-revolucionários, retomar os fundamentos das Teses de Pulacayo e do programa revolucionário da COB que desenvolveu Guillermo Lora antes de sua completa burocratização. ●